

VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS: UMA EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PROCESSOS EDUCACIONAIS COM ADOLESCENTES

VOICES THAT ARE NOT HEARD: AN EXPERIENCE IN STAGE SUPERVISED IN EDUCATIONAL PROCESSES WITH ADOLESCENTS

Ulisses Franklin Carvalho da Cunha

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

ulisses.fc@unitins.br

Domingas Alves de Sousa

FIESC/UNIESP

mingas.sousa@hotmail.com

Maria Helena Ribeiro da Silva

FIESC/UNIESP

he.lena@hotmail.com

Kenya Lima Gomes

FIESC/UNIESP

kenya.lg.3m@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma experiência em Estágio Supervisionado em Processos Educacionais do curso de bacharel em Psicologia de uma instituição privada de ensino superior do Norte do Tocantins. O estágio foi realizado com um grupo de 10 adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos, de uma escola pública da mesma cidade, sendo 40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino. O estágio teve como objetivo proporcionar aos adolescentes envolvidos no projeto um ambiente para liberdade de expressão, aberta aos seus interesses, dúvidas, questionamentos, sonhos e inquietações. O projeto visou ainda oferecer um espaço para significação e ressignificação de suas relações enquanto sujeito e com o meio social no qual estão inseridos. Ao final dos encontros constatou-se que há no adolescente um anseio por ser ouvido, respeitado e compreendido.

Palavras-chave: Adolescente; Liberdade de expressão; Respeito.

Abstract: The present work is the result of an experience in Supervised Stage in Educational Processes of the bacharel course in Psychology of a private institution of higher education in the North of Tocantins. The stage was carried out with a group of 10 adolescents between 13 and 16 years of age, from a public school in the same city, 40% male and 60% female. The stage was aimed at providing the adolescents involved in the project with an environment for freedom of expression, open to their interests, doubts, questions, dreams and concerns. The project also aimed to offer a space for meaning and resignification of their relations as a subject and with the social environment in which they are inserted. At the end of the meetings it was found that there is a desire in the adolescent to be heard, respected and understood.

Keywords: Adolescent; Freedom of expression; Respect.

Introdução

Compreender o adolescente não é tarefa fácil. Profissionais de diversas áreas vêm se debruçando sobre o tema, uma vez que parece crescer cada vez mais a distância entre os adolescentes e os demais indivíduos de faixa etária diferente. Autores diversos têm desenvolvido estudos que subsidiam o assunto. Segundo Palácios & Oliva (2004) “a adolescência vai desde os 12 anos até aproximadamente os 20 anos de idade, sendo este período considerado de transição, onde deixa de ser criança, porém não tendo ainda alcançado o status de adulto”.

A adolescência é a fase dos questionamentos, período em que há uma “explosão” de emoções e sentimentos, gerando dúvidas, ansiedades, e conflitos entre gerações, que podem ser percebidos seja nos espaços educacionais e/ou no âmbito familiar. A rebeldia do jovem ecoa quase

sempre como desafio aos adultos, sendo esta a maior geradora dos conflitos e das dificuldades nas suas relações sociais. Suas perspectivas ou a falta delas quanto aos planos para o futuro é outro ponto que inquieta o mundo adulto que, direta ou indiretamente busca influenciar ou mesmo questionar os planos ou a ausência destes, como se o jovem não estivesse sabendo aproveitar o tempo e as oportunidades.

Neste cenário conturbado e um tanto inquietante, o que vemos é a escola recebendo esta demanda e com dificuldades para lidar com essa nova realidade. O jovem então, ávido pelo mundo que se lhe apresenta, onde meninos e meninas se vêem frente ao mundo dos adultos, tem dificuldade em se adaptar à nova realidade e às inúmeras demandas e exigências que lhes chegam. Encaram as normas e limites como insulto a sua liberdade. Por esse motivo, atitudes de afronta e rebeldia passam a ser frequentemente suas formas de expressão.

Se por um lado o jovem dos dias atuais tem um mundo a sua disposição por meio das inúmeras formas de comunicação, em que a mídia e as redes sociais de tudo lhes oferecem, por outro lado temos jovens isolados do mundo real, onde há um distanciamento nas relações incluindo se aí o convívio familiar e a escola, uma vez que até o bate-papo tem sido priorizado, se este for virtual.

Quando, porém, conseguimos ultrapassar essas barreiras que nos distanciam dos adolescentes, encontramos apenas jovens que estão vivendo as inquietações próprias desta fase, que pode ser geradora de inseguranças e dúvidas acerca dos mais variados assuntos, principalmente daqueles que mais os atraem, quais sejam: sexualidade, namoro, drogas, etc.

Em conversa com os adolescentes participantes desta experiência pôde-se constatar uma grande carência de afeto, atenção e respeito, pois não conseguem ser ouvidos e isto os deixa na defensiva e os estimula a comportamentos rebeldes: *“Para os adultos tudo que a gente fala é bobagem, mais nem deixam a gente terminar de falar - Cala a boca-, é o que dizem.”* Outro aluno complementa: *“às vezes jogam na gente o que tiver na mão: tampa, panela, qualquer coisa”.*

O cenário atual nas escolas de Ensino Fundamental e Médio é preocupante: a violência permeia os espaços escolares; o uso de drogas lícitas e ilícitas é uma lamentável realidade; há baixos índices no aproveitamento escolar o que sugere falta de preparo por parte da escola e engajamento limitado dos alunos; se por um lado não estão aprendendo, por outro, o que se vê são professores frustrados, desmotivados e com dificuldades em lidar com a situação.

A ausência frequente dos pais agrava o quadro, e a escola é cobrada não apenas pelo seu papel de instruir e ajudar na educação, e sim pela formação integral do indivíduo. A realidade é que nossa juventude pede socorro, do seu jeito rebelde, irreverente, impulsivo. Ela nos fala mais pelas atitudes do que pelas palavras. Resta-nos atentar para ouvir, perceber e tentar compreender o que querem nos dizer.

Desta forma, os resultados apresentados no presente trabalho são fruto de uma experiência de Estágio Supervisionado em Processos Educativos I e II do curso de bacharel em Psicologia de uma instituição privada de ensino superior do norte do Tocantins, com um grupo de alunos adolescentes; A primeira fase do estágio (Estágio Supervisionado I) foi composta por observação e elaboração do projeto e a segunda fase (Estágio Supervisionado II) foi a etapa de execução. A partir das demandas iniciais levantadas durante a observação e do que surgiu enquanto demanda no decorrer da execução do projeto é que foram priorizados e direcionados alguns dos assuntos trabalhados com o grupo.

Métodos

Visando subsidiar o presente trabalho foram realizadas observações em duas salas de aula (8º ano) numa Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio no período de agosto a novembro de 2015. As observações foram realizadas nas salas de aula, no pátio interno e no exterior do colégio por ocasião da chegada e saída dos alunos, uma vez por semana. Nesses momentos observávamos as conversas; os comportamentos nos diferentes espaços e momentos; como se relacionavam entre si, com os professores e demais funcionários da escola.

Da referida observação resultou o projeto **“Pensando e Falando livreMENTE”**(grifo nosso) que foi executado através de encontros semanais realizados na escola no horário de 18:30 às 21:00h entre os meses de fevereiro a junho de 2016 com um grupo de dez adolescentes na faixa etária de

13 a 16 anos, do 9º ano, oriundos das salas observadas.

Durante a execução do projeto foram utilizadas diversas estratégias, recursos e ferramentas que nos permitiu atingir o objetivo desejado; dentre essas estratégias utilizou-se as dinâmicas Teia da Amizade, Troca de um Segredo, Termômetro das Emoções, Nó Humano, Feitiço Contra o Feiticeiro e Carta Não Enviada; realizou-se também uma técnica de inversão de papéis onde eles deveriam se colocar no lugar de seus pais e professores; Assistiu-se ao filme *A Corrente do Bem*, bem como vídeos diversos sobre os temas adolescência e sexualidade, conflitos familiares na adolescência; a história da renovação da águia, a lição da borboleta e durante todo o projeto foram realizadas discussões dialogadas e expositivas sobre os seguintes temas: sexo e namoro; sexualidade na adolescência; gravidez na adolescência; DST's; conflitos familiares; fase da adolescência e perspectivas para o futuro.

A sala era preparada com colchonetes, tapetes e almofadas, criando um espaço acolhedor próprio para o grupo. Em todas as atividades era respeitado o tempo e a fala dos participantes. Foram convidados a participar do projeto os 59 alunos observados, sendo que 18 aderiram ao projeto, 15 compareceram nos dois primeiros encontros, porém, o grupo se consolidou com 10 adolescentes a partir do terceiro encontro, tendo sido, a partir de então, limitada a entrada de novos participantes. Em virtude desta dinâmica a proposta inicial que era trabalhar todos os alunos observados em 06 (seis) encontros para cada turma, o projeto se consolidou ao final durante um período de 10 encontros.

O projeto teve início com uma reunião com os pais, na qual compareceram apenas cinco mães. Nesta ocasião foi apresentada a elas a proposta do trabalho: oferecer aos seus filhos um ambiente para liberdade de expressão e de escuta dos seus interesses, dúvidas, questionamentos, sonhos e inquietações; visando ainda oferecer a eles, utilizando suporte psicológico, um espaço para significação e ressignificação de suas relações enquanto sujeito e com o meio social no qual estão inseridos.

Durante a apresentação da proposta foi exposta a nossa preocupação quanto aos horários para a execução do projeto, ao que uma mãe sugeriu que as atividades fossem realizadas em horário diferente do horário das aulas, pois assim só participariam os alunos que realmente tivessem interesse, sendo sugerido das 18:00 às 20:00h, horário este que após o 1º encontro foi alterado para 18:30 às 21:00h por sugestão dos próprios adolescentes envolvidos.

A direção da Escola não se opôs que os encontros fossem realizados no turno noturno, ao contrário, disponibilizou uma sala e deu apoio necessário ao desenvolvimento do projeto.

Resultados e Discussão

O grupo a que se refere o presente estudo foi composto por 10 adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos, sendo 60% do sexo feminino e 40% do sexo masculino. Do total de 10 encontros realizados foi registrada a presença de 70% em dois encontros, 80% em um encontro, 90% em três encontros e 100% em quatro encontros.

Durante os primeiros encontros foram evidenciados os comportamentos característicos à adolescência, tais como: desconfiança, incerteza, medo, insegurança, carência, impulsividade, mudanças de humor; em contraposição foi possível perceber afabilidade, gentileza, entusiasmo, respeito, cumplicidade, solidariedade e carência. A capacidade de entrega e a intensidade também própria da fase foram demonstradas pela total ausência do uso do celular durante todos os encontros.

A desconfiança inicial e o clima de hostilidade que permearam no grupo no primeiro momento foram se esvaindo no transcorrer dos encontros. Em nenhum momento regras foram impostas, deixando-os à vontade, porém, mantivemos a atenção e demonstramos estar presente na relação de forma plena. Percebemos a receptividade do grupo e a capacidade de construção coletiva, quando eles expuseram durante a realização de uma atividade, o que eles queriam nestes encontros: *“amor, união, sinceridade, amizade, convivência, compreensão, carinho, fidelidade, alegria, criatividade e solidariedade”*. Durante a atividade foi visível a aproximação dos adolescentes, havendo a quebra das resistências iniciais; ao final do primeiro encontro eles demonstraram estar à vontade, participando ativamente e fazendo sugestões.

Inicia-se então a formação do grupo de encontros, pois embora fossem da mesma escola

e alguns estudassem na mesma sala havia um visível distanciamento entre eles. Palalia e Feldman (2013), afirmam que:

O grupo de pares é uma fonte de afeto, acolhimento, compreensão e orientação moral, um lugar para experimentação, é um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais [...] a maior intimidade, lealdade e troca com os amigos marcam uma transição rumo a amizades típicas dos adultos (p.441-442).

A condução dos assuntos abordados ao longo da execução do projeto foram sugeridos inicialmente por ocasião da observação; entretanto, após o início dos encontros e seguindo a proposta da fala livre como premissa do trabalho a ser desenvolvido, após o primeiro encontro que foi voltado para a integração, socialização e conhecimento, o grupo passou a decidir sobre o assunto a ser abordado no encontro seguinte.

O estímulo à fala livre seguiu a proposta impregnada no nome do projeto **“Pensando e falando livreMENTE”** (grifo nosso), ao que o grupo assumiu como característica, principalmente pelo vínculo de confiança que se estabeleceu, e que eles demonstraram com a fala *“tudo o que é falado aqui, fica aqui”, “é só aqui, entre nós”, “é esse grupo, só nós”*; esta era a forma de reforçarem que aquele espaço era de confiança. Segundo Beuclair (2009), “o grupo não é um dado da realidade que se apresenta de modo estático: em sua movimentação, apresenta circunstâncias nas quais é formado e relações que são construídas entre os elementos que dele participam” (p. 54).

O estabelecimento dos vínculos entre os adolescentes se confirmou ao longo dos encontros quando os assuntos fluíam sem receios, sendo expostos espontaneamente. Oliva (2004) destaca que desenvolver habilidades interpessoais nesta fase é um bom sinal de ajustamento psicológico, como também pode contribuir para apoio emocional que ajudará o adolescente a superar altos e baixos, ou situações particularmente estressantes próprios desta fase.

A partir do 4º encontro o grupo assumiu uma identidade própria, com características inerentes à fase. Através de atividades realizadas com o objetivo de levá-los a se imaginarem em situações diversas (inversão de papéis) e perceberem quais sentimentos os envolvia em tais situações, foi possível oportunizar lhes momentos de profunda reflexão e introspecção a partir dos quais comunicavam sentimentos através do silêncio, do choro, das expressões e da fala o que tinham experienciado durante as vivências.

O vínculo de confiança e respeito estabelecido oportunizou falas com conteúdos que registraram anseios e demonstraram a forma como vêem o mundo que os cercam. Durante a atividade proposta em que tinham que se imaginar vendo sua escola e sua casa de fora, na condição de observadores surgiu depoimentos bastante significativos: *“na escola senti alegria”*; *“senti tristeza quando cheguei na minha casa”*; *“era estranho ver minha casa”*; *“percebi o quanto sou ingrato com minha mãe”*.

Da discussão sobre como os adolescentes vêem sua família resultaram falas como: *“família é tudo, não consigo pensar na minha vida sem minha mãe”*; na proposta de se imaginarem em sala no papel de professor eles relataram os referidos sentimentos: *“raiva, medo, tristeza, mágoa”*; enquanto no papel de seus pais eles relataram: *“decepção, raiva, percebi que não estou preparado, é muito difícil”*. A figura da mãe é forte em suas falas como sendo esta sua referência dentro do seio familiar. Os adolescentes que moram com os avós preferiram não falar, demonstrando carência e desamparo.

Foi num cenário permeado por confiança, alegria, introspecção, inquietação e muita liberdade para falar que o grupo consolidou de fato a sua identidade. Isto possibilitou-nos perceber o crescimento individual e social dos participantes a cada encontro. Para Palalia e Feldman (2013) a intimidade, a troca de confidências com amigos ajuda o jovem a explorar seus próprios sentimentos, e contribui na definição de sua identidade, como também serve para validar sua autoestima.

Suárez (2005) corrobora com esse pensamento afirmando que o sentimento de pertencimento ao grupo de iguais tem papel importante na vida do adolescente, pois contribui tanto na formação de sua identidade quanto no desenvolvimento das suas relações no seu contexto social. Entretanto, o adolescente que não se define em um grupo pode encontrar dificuldades

para construir sua identidade e elaborar as crises inerentes da adolescência. Segundo Martins e Rosângela (2009 apud Oliveira, 2015):

O jovem sem turma encontrará mais dificuldade em elaborar suas crises vitais e poderá sofrer por não poder dividir suas dúvidas, fantasias, desejos e angústias. Visto que as gírias, vestimentas, entre outros no grupo funciona como uma defesa contra angústia. A identidade do adolescente que já tem como base da formação dada pelos pais através de outros relacionamentos tem a oportunidade de enriquecê-la, o que lhe propiciará crescimento, integração e sociabilidade (p.04).

No contexto de conflitos próprios da adolescência, encontramos presentes no universo da sala de aula todos esses “ritos de passagem”, quando no referido espaço o adolescente parece sentir-se livre para mostrar-se tal como é. E nesse momento se percebe o grande abismo que se abre entre esses e o mundo adulto que de forma direta ou indireta o rejeita na sua forma irreverente de ser, onde muitas vezes se encontra presente a hostilidade, rebeldia e revolta.

Oliva (2004) destaca a necessidade dos pais se ajustarem a essa nova fase do processo evolutivo do adolescente, pois muitos dos problemas surgidos nessa fase têm origem na falta de ajuste entre o contexto familiar e as novas necessidades do adolescente. Torres e Alfredo (2007, apud Oliveira, 2015) expõem que o adolescente tem necessidade de carinho, atenção, diálogo e limites, e que a família tem como função essencial suprir essas necessidades, todavia, quando não acontecem, todas as tentativas serão inúteis.

Ressalte-se aqui, que foi possível confirmar tal pensamento durante a primeira fase do Estágio Supervisionado – a observação – onde se observou que a dinâmica da turma mudava radicalmente a cada professor que adentrava a sala de aula: diante da indiferença de alguns professores, eles se mostravam também indiferentes, e a sala de aula se transformava num espaço nada amistoso (cadeiras arrastadas, muitas conversas, palavrões e passeios pela sala, uso de fone de ouvido e celular), porém, o professor que se fazia presente em sala inclusive estabelecendo limites e ao mesmo tempo sendo cordial e acolhedor conseguia agregar e atrair a atenção dos adolescentes, e era respeitado.

Voltando à análise anterior percebemos que os assuntos relacionados ao convívio e conflitos familiares marcavam significativamente a relação do grupo. Os relatos de suas experiências ganhavam voz a cada encontro: *“meu pai não gosta de mim”*; *“já ganhei uma surra do meu avô e ele colocou a pé no meu pescoço”*; *“minha mãe não me quis”*; após esta fala o referido adolescente demonstrou profundo sofrimento, deitando-se em posição fetal e permanecendo em silêncio. Nesses momentos, dentre os diversos sentimentos que se percebia permearem entre eles, observamos que havia certa cumplicidade e entendimento pela forma empática com a qual se manifestavam uns com os outros.

Palalia e Feldman (2013) pontuam que o relacionamento com os pais, o grau de conflitos e a comunicação são estabelecidos desde a infância, que por sua vez, servirão de base nos relacionamentos da vida adulta.

O que ficou evidente nos grupos de encontros é que o maior motivo dos conflitos familiares tem origem na dificuldade de comunicação, o que aumenta o distanciamento e fragiliza a relação entre pais e filhos. Schultz & Schultz (2011) apresenta três elementos chaves identificados por Erik Erikson para a fase da adolescência ser turbulenta e estressante, sendo estes:

1. Conflitos com os pais, caracterizado por uma resistência vigorosa a autoridade adulta;
2. Perturbação de humor, caracterizada por uma vida emocional instável, mudança de humor e episódio de depressão;
3. Comportamentos arriscados, caracterizados por um comportamento imprudente, violador de regras e antissocial que pode prejudicar a própria pessoa e os outros (p.195).

No cenário familiar ou educacional somos instigados a nos questionar sobre os desafios que envolvem o lidar com o adolescente. Segundo Luiz (2015) “o adolescente vive o período da

autoafirmação e o adulto o da integração” (p. 19). Enquanto o adolescente luta para romper com o estabelecido, o adulto emprega suas energias para mantê-las. Para Luiz (2015)

A imaturidade por parte dos adultos pode conspirar contra os impulsos de desenvolvimento do adolescente. Pode impedir que a família cumpra seu papel, ou seja, não inspirando ao adolescente a necessária confiança de que encontrará no outro a consistência e a coerência de que precisa para tornar-se adulto, (p.58-59).

Oliva (2004) enfatiza a necessidade de se considerar que o adolescente vive um período de exploração, portanto, eles precisam passar por experiências diversas, para que estas possam contribuir na construção de sua identidade. Ainda que seja necessário passar por certos riscos, o acompanhamento de um adulto torna-se essencial, considerando que nesta fase o controle e supervisão são fundamentais, pois muitos dos problemas de conduta têm origem na adolescência e estão relacionados à ausência de alguém que possa orientar e direcioná-los. Os pais ou responsáveis devem estar atentos ao grau e a natureza do controle exercido, para evitar os excessos ou/e serem vistos como controladores ou super protetores. Palalia e Feldman (2013) afirmam que:

Contrariamente à crença popular, a maioria dos adolescentes não é bomba relógio. Aqueles criados em famílias com uma atmosfera positiva tendem a atravessar a adolescência sem problemas sérios [...]. A adolescência pode ser uma época difícil para os jovens e para os seus pais [...] reconhecer que a adolescência pode ser um momento difícil pode ajudar pais e professores a tentar compreender os comportamentos de experimentação. Mas adultos que pressupõe que o tumulto adolescente é normal e necessário podem deixar de captar os sinais dos poucos jovens que necessitam de ajuda especial (p.436).

Ficou evidenciado na convivência com o grupo que a maior parte deles ainda se sente confuso quanto às perspectivas para o futuro; que as dúvidas e desconhecimento acerca da sexualidade são uma realidade e que há uma vacância no que se refere aos valores, principalmente, devido à necessidade de se sentirem aceitos no grupo. Tais evidências confirmam que os adolescentes ouvidos estão em um processo caracterizado por Erikson (1987) como “*identidade versus confusão de identidade*”. Palalia e Feldman (2013) afirmam que “a identidade para Erikson, forma-se quando o jovem resolve três questões importantes: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores sob os quais vive e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória” (p. 422).

Foi possível perceber que o comportamento dos adolescentes, no decorrer das atividades executadas na segunda fase do estágio, não é dissonante com a fase da adolescência teorizada pelos diversos autores do tema, e que o mutismo muitas vezes alardeado pelos adultos tem origem na forma como estes esperam que eles falem. O que ficou registrado nesta experiência é que ao se sentirem ouvidos e respeitados, em sua forma de ser, o adolescente fala e às vezes grita.

Amaral (2007) discorre sobre a teoria de Konobel - um grande estudioso das características psicológicas da adolescência que criou a “Síndrome do Adolescente Normal” - que apesar da medicina definir “síndrome” como uma patologia, ele utilizou com outro propósito, apresentando um conjunto de características no sentido de facilitar a compreensão desse período da vida. Para ele, a fase da adolescência tem dez características psicológicas importantes, das quais algumas foram percebidas claramente no decorrer das atividades realizadas na primeira e segunda fase do estágio: a busca de si e de identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, deslocamento temporal, evolução sexual, atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, separação dos pais e constante flutuações de humor. A partir desta compreensão, é possível ver e ouvir o adolescente, respeitando-o enquanto indivíduo em formação, em busca de localizar-se no seu espaço.

Conclusão

Com base nos estudos sobre adolescência, e levando em consideração a experiência vivenciada com o grupo de adolescentes, ficou perceptível que apesar da adolescência ser uma fase de transição complexa, na qual as rotulações impostas levam a pensar que o adolescente é problemático e de difícil lida, a prática mostrou que o adolescente vive cerceado pelo meio, onde tem sido desconsiderado enquanto protagonista e limitado o seu crescimento enquanto sujeito em formação.

Observou-se que durante o desenvolvimento do projeto (Estágio Supervisionado II) houve um salto significativo na participação e envolvimento do grupo. Ao sentirem-se protagonistas no processo de construção grupal e no reconhecimento de suas potencialidades, refletiram sobre as mudanças físicas, sociais e psicológicas que eles vivenciam em suas rotinas diárias. O feedback dado pelos adolescentes num processo de auto avaliação realizado no último encontro, quando falaram das mudanças que percebiam estar acontecendo, reforça a necessidade de se investir na educação não apenas como processo de instrução e formação, mas também como processo de transformação.

Encontramos anseios nos adolescentes, porém, o mesmo sentimento foi encontrado também nos pais e professores que demonstraram ao final do projeto por ocasião da devolutiva; estes, em momentos distintos tiveram a mesma fala *“nós também precisamos de um trabalho assim” “e quem cuida de nós?”* (fala de uma professora).

Tal cenário demonstra a necessidade da atenção psicológica nos espaços educacionais, numa proposta que se amplie para além dos muros, assistindo alunos, professores, funcionários da escola e comunidade. Nesta perspectiva, vislumbramos a presença de plantão psicológico objetivando o atendimento às urgências psicológicas nos espaços escolares.

Referências

AMARAL, V. L. **A psicologia da adolescência**. Natal: Edufrn. 2008.

BEUCLAIR, J. **Dinâmica de grupos: MOB- metodologia de oficinas psicoeducativas**. Rio de Janeiro: Wak. 2009.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LUIZ, A. **Feliz Adolescer: O adolescente e a busca do significado existencial**. Catanduva: Boa Nova. 2015.

OLIVA, J. **Desenvolvimento social durante a adolescência**. In COLL, C., MARCHESI, A., PALÁCIOS, J. & Colaboradores (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2004.

OLIVEIRA, A. **Conflitos familiares e amigos e a influencia na construção da identidade do adolescente**. 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0933.pdf>> Acesso em: 17 de junho de 2016.

PALÁCIOS, J. OLIVA, A. **A adolescência e seu significado evolutivo**. In: Coll, C., MARCHESI, A., PALÁCIOS, J, & Colaboradores (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2004.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed. 2013.

SCHULTZ, D. P., SCHULTZ, S. E. (2013). **Erik Erikson: Teoria da identidade. Teorias da personalidade**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning. 2013.

SUÁREZ, A. S. **Crise de identidade na adolescência: Breve análise e aplicações para a práxis religiosa segundo a teoria de Erik Erikson**. 2005. Disponível em: <<http://http://circle.adventist.org/>>

files/unaspress/actacientifica2005023107.pdf>> Acesso em: 17 de junho de 2016.

Recebido em: 10 de janeiro de 2017.

Aceito em: 6 de fevereiro de 2017.